

POR QUE OS DOIS IDIOTAS AINDA CONTINUAM SENTADOS EM SEUS BARRIS? A GUERRA FRIA NÃO ACABOU?

WHY ARE THOSE TWO IDIOTS STILL SITTING IN THEIR BARRELS? INS'T THE COLD WAR OVER?

¿POR QUÉ SIGUEN ESOS DOS IDIOTAS SENTADOS EN SUS BARRILES? ¿NO SE ACABÓ LA GUERRA FRÍA?

Rosália Caldas Sanábio de Oliveira¹, Érico Anderson de Oliveira², Fabiana da Conceição Pereira Tiago³

DOI: 10.54899/dcs.v22i85.3924

Recibido: 01/12/2025 | Aceptado: 03/12/2025 | Publicación en línea: 15/12/2025.

RESUMO

A Geografia, entre outros saberes, viabiliza a compreensão das estratégias de poder dos Estados e como elas interferem na ampliação ou fragmentação de seus territórios e na vida de suas populações. Em tal circunstância, pode-se fazer a leitura de suas dinâmicas por meio da geopolítica, estabelecendo um contraponto com a globalização atual e a realidade dos alunos. Esse relato tem como propósito sinalizar os processos didático-pedagógicos desenvolvidos com a temática Guerra Fria em quatro turmas do 2º ano do Ensino Médio Integrado do Centro Federal de Educação tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), localizado em Belo Horizonte. Em uma perspectiva interdisciplinar crítica (Geografia e Biologia), utilizou-se como motivação inicial o livro infantojuvenil –“Dois idiotas sentados cada qual no seu barril” – de Ruth Rocha e o filme “Ponte dos Espiões” (direção de *Steven Spielberg*), em harmonia com outros procedimentos didático-pedagógicos. Assim, os alunos tiveram o ensejo de configurar suas próprias deduções, em uma aprendizagem valorativa.

Palavras-chave: Guerra Fria. Geopolítica. Interdisciplinar. Aprendizagem Significativa.

ABSTRACT

Geography, among other fields of knowledge, enables the understanding of the power strategies of States and how these strategies interfere in the expansion or fragmentation of their territories and in the lives of their populations. In such circumstances, one can interpret their dynamics through geopolitics, drawing a parallel with current globalization and the reality of the students. This report aims to highlight the didactic-pedagogical processes developed with the theme of the Cold War in four classes of the 2nd year of Integrated High School at Federal Center of

¹ Mestra em Didática de Geografia, Instituto Superior Pedagógico Henrique José Varona (ISJV), Ciudad de La Habana, Cuba. E-mail: rosasanabio@gmail.com

² Mestre em Didática de Geografia, ISJV - Instituto Superior Pedagógico Henrique José Varona (ISJV), Ciudad de La Habana, Cuba. E-mail: ericoliv@cefetmg.br

³ Doutora em Microbiologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: fabianatiago@cefetmg.br

Technological Education of Minas Gerais (CEFET-MG), located in Belo Horizonte. From a critical interdisciplinary perspective (Geography and Biology), the children's book – “Two idiots sitting each in their own barrel” – by Ruth Rocha and the film “Bridge of Spies” (directed by *Steven Spielberg*) were used as initial motivation, in harmony with other didactic-pedagogical procedures. The students were given the opportunity to formulate their own deductions, in a value-based learning process.

Keywords: Cold War. Geopolitics. Interdisciplinary. Meaningful Learning.

RESUMEN

La Geografía, entre otras áreas del conocimiento, permite comprender las estrategias de poder de los Estados y cómo estas interfieren en la expansión o fragmentación de sus territorios y en la vida de sus poblaciones. En tales circunstancias, se puede interpretar su dinámica a través de la geopolítica, estableciendo un paralelo con la globalización actual y la realidad de los estudiantes. Este informe tiene como objetivo destacar los procesos didáctico-pedagógicos desarrollados con la temática de la Guerra Fría en cuatro clases del 2º año de la Enseñanza Media Integrada del Centro Federal de Educación Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), ubicado en Belo Horizonte. Desde una perspectiva interdisciplinaria crítica (Geografía y Biología), se utilizaron como motivación inicial el libro infantil “Dos idiotas sentados cada uno en su propio barril” de Ruth Rocha y la película “El puente de los espías” (dirigida por *Steven Spielberg*), en armonía con otros procedimientos didáctico-pedagógicos. Se brindó a los Estudiantes la oportunidad de formular sus propias deducciones, en un proceso de aprendizaje basado en valores.

Palabras clave: Guerra Fría. Geopolítica. Interdisciplinarietà. Aprendizaje Significativo.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O tópico escolhido para os estudos, com suas vinculações de caráter interdisciplinar – Guerra Fria – na Educação Básica (2º ano do Ensino Médio Integrado), é carregado de transfigurações importantes, fazendo-se necessário geo-bio-historicizar uma série de conceitos substanciais. Entre eles, citamos: ideologia, opressão, geopolítica, geografia política, territórios e a compleição dos mesmos a partir – principalmente – do século XIX até a contemporaneidade, desterritorialização, re-territorialização, expansionismo, colonialismo, revolução burguesa, socialismo, capitalismo, imperialismo, Guerra Fria, Globalização, corrida bélica, energia nuclear etc.

A energia nuclear se baseia no uso de reações nucleares para a obtenção de energia

(Cerconi; Melquiades; Tominaga, 2009). Ela é obtida por meio do processo de fissão de átomos de grande massa – como o urânio e o plutônio (Silva; Pessanha; Bouhid, 2011) – e pode ser empregada em diversas áreas como na saúde, nas ciências ambientais, biológica, industrial e, inclusive, na área militar (Cerconi; Melquiades; Tominaga, 2009).

O preconceito com o emprego da energia nuclear se deve à produção de resíduos radioativos e ao medo dos acidentes nucleares – já vivenciados em alguns países. Contudo, o uso de energia nuclear para gerar eletricidade acarreta menos impactos ambientais quando comparado a outros tipos de usinas que produzem eletricidade (Cerconi; Melquiades; Tominaga, 2009).

No entanto, a energia nuclear foi e ainda é empregada para a construção de bombas atômicas, bombas de hidrogênio e outras armas nucleares, causando a destruição de cidades e a morte de milhares de pessoas (Cerconi; Melquiades; Tominaga, 2009; Silva; Pessanha; Bouhid, 2011).

Sabemos que o desenvolvimento tecnológico e a pesquisa são influenciados pelo contexto capitalista, pautado pelo momento histórico, promovendo o domínio em todos os setores da economia e disputas por riquezas naturais, entre outros fatores. Segundo Latour (1994), a compreensão do saber científico e da natureza da ciência é socialmente construída e, ao longo da história, tem refletido os interesses de grupos prevaletentes específicos.

São tais grupos que detêm o poder científico, econômico e político. O professor tem um papel importante ao inserir essa reflexão em sala de aula para que os alunos suplantem a visão dicotômica de sujeito/objeto, natureza/cultura (Latour, 1994). Esse cuidado se efetivou nessa práxis interdisciplinar.

A ênfase no caráter específico de cada área, suas interfaces e o valor das ciências geográfica e biológica é, assim, exposta. Essas ciências são capazes de revelar as relações de poder e violência exercidas pelos Estados, o controle disseminado de poucos sobre muitos – sobressaindo-se a espoliação vertiginosa da natureza, com danos socioambientais incomensuráveis –, o aumento das desigualdades entre povos, bem como a perda das liberdades primárias e dos requisitos materiais fundamentais para a existência humana.

A geopolítica vem contribuir ainda mais para essas elucubrações sistêmicas e ambientais. Ela emerge no século XIX como colonialismo, “Sua função é trazer para o Estado e a ação militar, a legitimidade do tema e da tarefa do empreendimento de uma geografia colonial no âmbito da relação entre as potências européias” (Moreira, 2009, p. 19).

O ápice acontece na Segunda Guerra Mundial, “Após o qual seu sistema institucional e de

ideias decaí”. Moreira (2009, p. 20) estipula tais elos:

[...] o centro das relações internacionais sofre a partir dos anos 1950 uma grande mudança. A incorporação dos espaços mundiais por hábitos de consumo de bens vindos da fabricação industrial vai tomando o lugar de um expansionismo baseado no domínio das fontes brutas de recursos naturais pura e simples, o conhecimento dos valores culturais distintivos de territórios e povos se tornando a matéria-prima principal da nova forma de expansão.

Inicialmente, no enfoque dos temas e diante do imbricamento dos eventos mundiais, optou-se pelo reconhecimento da unicidade da Geografia, em uma expectativa globalizante. Andrade (2008, p. 30) designa que a Geografia incumbe-se de:

[...] estudando as relações entre a sociedade e a natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando os métodos utilizados e indicando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio biológico e o bem-estar social. Ela é uma ciência eminentemente política, no sentido aristotélico do termo, devendo indicar caminhos à sociedade, nas formas de utilização da natureza. Daí admitirmos que a Geografia é eminentemente, uma ciência social.

Por outro lado, “Analisando a ação da sociedade sobre o espaço, produzindo e reproduzindo formas que são visíveis ao observador, mas que necessitam ser investigadas nas suas origens”, é preciso que a Geografia se sirva do conhecimento de outras ciências afins (Andrade, 2008, p. 24) – o que se desenrolou nessa prática, com uma interação produtiva com a disciplina de Biologia.

A interlocução processou-se mediante a distinção do livro infantojuvenil “Dois idiotas sentados cada qual no seu barril”, de Ruth Rocha, e o filme “Ponte dos Espiões”(direção de *Steven Spielberg*), em associação com outros dispositivos didático-pedagógicos (avaliação diagnóstica preliminar, pesquisas individuais e em grupos, mapas, debate mediado etc.).

O livro infantojuvenil anteposto – “Dois idiotas sentados cada qual no seu barril” – expressa, de maneira caricata e lúdica, o clima tenso de embate entre os países capitalistas e socialistas e a sua corrida armamentista subsequente, resultando ao final da história, em uma gigantesca explosão nuclear e a destruição de toda a vida. Ostenta, propositalmente, de maneira “estereotipada”, as dissemelhanças entre as concepções políticas do capitalismo e do socialismo, em um contexto mundial bipolar.

O enquadramento “burlesco” e tragicômico da narrativa é uma inteligente “cortina de fumaça” da autora (Ruth Rocha), aquiescendo a leitura da diegese pelas palavras, ilustrações e pelo que não é perceptível de imediato. Esse lapso é preenchido quando o aluno “cogita sobre” e

acrescenta informações à ficção, recontando-a.

O(a) professor(a) responsável pela classe dará a medida da minúcia das confabulações futuras tendo em vista a maturidade dos alunos, as suas bases precursoras e o que ele(a) – educador(a) – considera como pontos marcantes a serem debatido na prática educativa, além dos demais artefatos didático-pedagógicos complementares que, por acaso, desfrute.

O filme elencado “Ponte dos Espiões” enalteceu a prática por destacar a ocupação e a divisão da Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial, os seus desmembramentos políticos e as ligações de poder aparentes e as subterrâneas. Enfatizou-se, especialmente, a diplomacia oficial e as redes de espionagens – de parte a parte.

Os dois sistemas foram perscrutados em todas as suas características, para além dos clichês habituais. Por consequência, as análises possibilitaram aos alunos investigarem a contextura da Guerra Fria desde os seus primórdios, com as disputas ideológicas entre os Estados Unidos da América (EUA) e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até o fim da Segunda Guerra Mundial. Ademais, abordaram-se a corrida aeroespacial, o uso da energia nuclear para fins bélicos e seus trágicos desfechos socioambientais, em dimensões escalares, chegando-se à queda do muro de Berlim, à “implosão” da ex-URSS até o presente momento.

Enriquecendo as argumentações, Ricardo La Guardia (2012) assenta sobre as gêneses da ordem internacional após a Segunda Guerra Mundial:

Entre la caída del muro de noviembre de 1989 y la desaparición de la Unión Soviética en diciembre de 1991 se diluyó irremediamente el orden internacional consagrado en Yalta [...]. Una vez clausurado el conflicto de bloques, las organizaciones internacionales en general [...] parecían de estar en condiciones de velar pela paz en el mundo y luchar contra las desigualdades más flagrantes [...]. Sin embargo, detrás del esquema de confrontación de la Guerra Fría, [...], cientos de millones de personas sufrían el fracaso de planes y proyectos de modernización socioeconómica [...]. De esta forma viejos y nuevos conflictos se desgranaron por todo el mundo augurando una etapa no menos traumática que a precedente (Guardia, 2012, p. 5-6).

Mediante suas verificações direcionadas, a coparticipação na formulação de perguntas e hipóteses verossímeis e os debates ao final dos trabalhos, os alunos lograram reflexões equânimes.

Conseguiram, sem embargo, elaborar mapas conceituais dos assuntos percorridos e produzir abstrações pessoais, transpondo-as para suas vidas. Tais práticas foram balizadas pela aprendizagem significativa de David Ausubel (1980, 2000) e pela metodologia da fabricação de mapas conceituais desenvolvida por David Ausubel e Joseph Novak (1980).

Dessa maneira, os alunos portaram o parecer, por exemplo, da espacialização das relações de poder global na atualidade, tendo-se em mente os preâmbulos e o dinamismo de um mundo multipolar (EUA, China, Rússia, Japão, entre outros pólos), bem como da ordem da globalização em deslocamento. Com esta demarcação, identificaram o avanço desigual do capitalismo, os feitos díspares de apropriação do espaço, a produção do modo de produção mercantil, a divisão territorial do trabalho, a devastação ambiental regional/global, ou seja, o processo apenso à estrutura dominante e supressiva, e ao peso político.

Armando Corrêa da Silva (1986) versa que a formação socioespacial inclui “o espaço como totalidade e unidade. [...] Não se trata da totalidade e unidade do modo de produção em geral, mas de suas manifestações. [...] implica a unidade da continuidade e descontinuidade do processo histórico. E, portanto, do espaço” (Silva *apud* Santos, 1986, p. 35).

Quando sobrevém o juízo após a dedução, faz-se a ligação entre “a categoria da particularidade em sua relação dialética com o universal e o singular. A particularidade refere-se ao desenvolvimento dos modos de produção. [...] o espaço concebido como território [...]” (Silva *apud* Santos, 1986, p. 35).

No ensino, se o aluno divisa coerentemente que “não existe uma formação espacial separada das formações sociais, pois são parte de uma mesma relação dialética”, revela que descobriu a significação em sua materialidade (Silva *apud* Santos, 1986, p. 35).

Nas palavras de Santos (2007, p. 15):

Os fatos estão todos aí, objetivos e independentes de nós. Mas cabe a nós fazer com que se tornem fatos históricos, mediante a identificação das relações que os definem, seja pela observação de suas relações de causa e efeito, isto é, sua história, seja pela constatação da ordem segundo a qual eles se organizam para formar um sistema, [...]. É por sua existência histórica, assim definida, no interior de uma estrutura social que se reconhecem as categorias da realidade e as categorias de análise.

DESENVOLVIMENTO

A ação pedagógica teve suas finalidades firmadas, singularmente, na Teoria da Aprendizagem Significativa de David Paul Ausubel (1980, 2000) e a Teoria por Descoberta de Jerome Bruner (1978).

Para os autores, há clareza sobre o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado, preferencialmente, com linguagens profusas, pesquisadas e estudadas anteriormente pelos professores. Não desejávamos que a abordagem fosse superficial em relação ao mundo vivido do

aluno; o trabalho aqui é planejado com bom senso, afeiçoado às asserções do currículo.

No plano geral, quando a instrução é fragmentada, verifica-se um desalento tanto da parte dos alunos quanto dos professores. Muitos vêem a aplicabilidade da literatura infantojuvenil no ensino como de responsabilidade exclusiva das disciplinas de Língua Portuguesa/Literatura. Esse espectro é desacertado, pois o desenrolar do emprego da língua portuguesa não pode ser cristalizado dentro de uma “caixinha” de especialistas, já que a língua é de todos.

O acesso à literatura e a outros suportes da língua é um meio para reforçar uma educação de qualidade. Para tal, nos afinamos com a teoria da enunciação de Bakhtin (1995, 1997), notadamente, a caracterização de gênero do discurso.

De acordo com Bakhtin (1995, 1997), as adesões entre linguagem e grupamentos sociais/culturais são imanentes, as incontáveis *performances* humanas praticadas durante nossas existências e coexistências, reputadas como “domínios ideológicos”, comunicam-se entre si e instituem, em cada campo de atuação, formas assertivas diversas e minimamente estáveis. São os chamados gêneros de discurso, que são externados pelos enunciados em uma atuação histórica, dialógica e em mutação.

Os colóquios criados nesse nível – Ensino Médio Integrado – pressupõem um certo aprofundamento; por isso a opção pela literatura infantojuvenil foi deliberada ao se pensar essa práxis interdisciplinar, assim como a escolha do filme. Embora tenhamos formações acadêmicas específicas, os arrazoamentos sobre a condição humana na atualidade, as seleções que fazemos e suas repercussões – enquanto indivíduos e partícipes de uma comunidade inserida em um modelo cultural e civilizatório – transformam-se em eixos transversais, transcorrendo por todas as disciplinas.

A funcionalidade pedagógica da literatura infantojuvenil, do filme e de outros sustentáculos na prática em sala de aula cria uma maior possibilidade de entendimento de questões levantadas nessa consideração interdisciplinar, dispostos como transição de gêneros.

Em conformidade com David Ausubel (1980, 2000), a aprendizagem pode advir de diferentes modalidades. Nesta experiência, optamos pela aprendizagem por descoberta. Nela, o aluno se instrui quando procura respostas diante de uma problematização, faz perguntas e elabora prognoses, tanto individual quanto coletivamente. A cada nova ideia anexada àquelas já presentes, ocorre uma ancoragem (subjunção): a aprendizagem vai se aprofundando à medida que esses subjunções vão estabelecendo mais interdependências, em um esboço apurado.

Os conceitos podem ser mais argutos e, para isso, David Ausubel (1980, 2000) sugere

“organizadores prévios” que valem como “âncoras” para o novo saber, fomentando a composição de noções que ajudam a promoção de uma aprendizagem consecutiva.

Os “organizadores prévios” são recursos didático-pedagógicos preliminares utilizados em sala de aula. Eles são apresentados aos alunos de modo a captar sua atenção e despertar-lhes o interesse antes que os próprios instrumentos sejam apreendidos em si mesmos. O intuito é que eles sirvam de “passadiço” entre o que aluno já possui de conhecimento e o que ele precisa assimilar em determinada situação pedagógica, de modo que, conforme Ausubel (1980, 2000), esses novos elementos sejam absorvidos de modo expressivo.

A literatura infantojuvenil e o filme são mecanismos instigadores para os alunos, os “organizadores prévios”. São, de forma igual, apoios didático-pedagógicos que precisam ser lidos em várias gradações – leitura de imagens, palavras, cores, ângulos, sons, o “não-dito”. Ou seja, são ricos gêneros visuais-textuais e sociais, ambientais e culturais.

Os alunos refletem por meio deles, mas as respostas não estão nesses supedâneos. Não quer dizer que os mesmos não ragam, intrinsecamente, em suas materialidades, informações e sentidos. Todavia, ao apoderar-se positivamente dos signos desses meios, por entre “entretons” múltiplos, o leitor/aluno não absorverá necessariamente, aquilo que o autor desejou expor na obra.

Ele – o aluno – instaurará uma nova estruturação descritiva que contém leituras multívocas, noções prévias, a historiografia de vida, os ganhos com as trocas dialógicas, suas visões culturais etc. Em outras palavras, para além dos aspectos cognitivos do sujeito/aluno, criará uma fusão de significados e apreciações particularizadas socioafetivas.

METODOLOGIA

Esta aplicação pedagógica foi realizada em um arranjo “flexível”, com um planejamento honesto. Durante a sua derivação, as etapas foram pensadas coletivamente, a saber:

- Avaliação diagnóstica de conceitos relacionados às tônicas definidas no planejamento (Geografia e Biologia);
- Verificação dos resultados da avaliação diagnóstica;
- planejamento interdisciplinar – definição dos objetivos comuns, levantamento e pesquisa de possíveis ferramentas didático-pedagógicas plausíveis de utilização;
- proposta das atividades para os alunos, escolha das turmas;
- orientações dos trabalhos – (número de aulas disponíveis, datas, formação de grupos,

- pesquisas individuais e coletivas, critérios dos debates e compartilhamento de informações, acesso ao livro e ao filme indicados);
- apresentação do livro (Figura 1) e do filme em sala de aula;

Figura 1 - Capa do livro – Dois idiotas sentados cada qual no seu barril



Fonte: Rocha, 2013.

- montagem de um painel ilustrativo coletivo;
- acréscimo dos relatórios dos grupos após os debates;
- avaliação formativa em grupos;
- avaliação coletiva das atividades.

CONCLUSÕES

Ao planejarmos nossas práticas – usufruindo de diferentes proposições e metodologias para estimularmos a aprendizagem significativa de nossos alunos – não temos “*feedbacks*” perfeitos; tais práticas são sempre fazeduras em “trânsito”. Trata-se de uma condição didático-pedagógica com feitiço libertador, dado que, sentindo-se menos pressionado(a), o(a) educador(a) terá sua criatividade mais afluída.

Por experiência, as decorrências pedagógicas assinalam que as conceituações teóricas são melhor assimiladas quando conectadas à história de vida de nossos alunos e aos seus conhecimentos antecedentes. Dessa forma, trazem para dentro da sala de aula as vivências e a emocionalidade no desenvolvimento do ensino-aprendizagem; humanizando-o e reconhecendo as similaridades do sujeito/aluno.

Os acessórios/métodos didático-pedagógicos referidos contribuíram, de fato, para a evolução da aprendizagem, reiterando a demanda por pesquisas que foquem, principalmente, em linguagens/metodologias susceptíveis a um ensino com sentido.

A literatura infantojuvenil empregada no Ensino Médio e “fora” das disciplinas de Português/Literatura ainda é vista como um caso atípico. Entretanto, com o caminhar das atividades, se os alunos atinam o que se propõe verdadeiramente, entendem que todo material pode se tornar um “organizador prévio” e que o saber está em todos os lugares.

Desejável que ele surja e seja “alimentado” em um ambiente inter/multidisciplinar. E que eles (os alunos) se façam sujeitos – processualmente – quando discorrerem por si mesmos, diligenciando suas vidas.

Bruner (1978, p. 1) enfatiza como um legado de sua geração, “um amplo renovar da preocupação com a qualidade e os objetivos intelectuais da educação – [...] o ideal de que ela deve ser um meio de preparar homens bem equilibrados para a democracia”. Assevera o cuidado com o planejamento do currículo e o questionamento acerca de um problema imperativo na educação: “Que vamos ensinar, e com que fim?” (Bruner, 1978, p.1).

A prática mencionada nesse artigo é uma tentativa de resposta para essa pergunta – levando-se em atenção as peculiaridades das turmas envolvidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: Ciência da Sociedade**. Recife: Editora

Universitária da UFPE, 2008.

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos**: Uma Perspectiva Cognitiva. 1ª ed., Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.

AUSUBEL, David Paul; NOVAK, Joseph; HANESIAN, Helen. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRUNER, Jerome Seymour. **O Processo da Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CERCONI, Claudinei; MELQUIADES, Fábio L.; TOMINAGA, Tânia. Energia nuclear, o que é necessário saber? **Revista Ciências Exatas e Naturais**, v.11, n. 1, p.9–34, 2009. Disponível em: <http://revistas.unicentro.br/index.php/RECEN/article/view/119/887>. Acesso em: 14 set.2022.

GUARDIA, Ricardo Martín de la. **1989, El Año Que Cambió El Mundo** – los orígenes del orden internacional después de la Guerra Fría. Madrid–España: Ediciones Akal S. A., 2012.

LATOUR, Bruno; COSTA, Carlos Irineu da. **Jamais Fomos Modernos**: Ensaios de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MOREIRA, Ruy. **O Que é Geografia?** São Paulo: Brasiliense, 2009. Coleção Primeiros Passos. **PONTE DOS ESPIÕES**. Direção: Steven Spielberg. Produção: Marc Platt. Estados Unidos: Walt Disney Studios/20th Century Studios, 2015. Filme.

ROCHA, Ruth. **Dois idiotas sentados cada qual no seu barril...** Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 2013.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – USP, 2007.

SILVA, Armando Corrêa da. As categorias da formação social espacial. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de. (orgs). **O Espaço Interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986, p. xx-xx.

SILVA, Fernanda Leite da; PESSANHA, Paula Rocha; BOUHID, Roseantony. Abordagem do tema controverso radioatividade/energia nuclear em sala de aula no Ensino Médio: um estudo de caso. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Universidade Estadual de Campinas. **Anais** – ABRAPEC, 2011. p.1-12. Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R1502-1.pdf. Acesso em: 15 set.2022.

OBS: Trabalho apresentado no Congresso Internacional Movimentos Docentes e Colóquio

FORPIBID RP – constando em seus Anais.